

Nélson Rodrigues: o cronista épico do futebol brasileiro

Maria Célia Barbosa Reis da Silva

Para captar o visual
De um chute a gol
E a emoção
Da idéia quando ginga
Para Mane, para Didi
Para Pagão, para Pelé e Canhoteiro.
Chico Buarque

A epígrafe propicia uma troca de passes entre dois grandes craques da literatura brasileira, apaixonados pelo Fluminense, pela Seleção Brasileira, pelo futebol arte que agrega emoção e tática e tece, de forma esférica, uma das identidades brasileiras — conhecida e reconhecida no mundo.

Os olhos de Nélson — como os de qualquer outro torcedor e apreciador de futebol — percorrem, na hora do jogo, o gramado a observar a coreografia de 22 jogadores correndo pela posse da bola, e a sonoplastia que advém de quem a eles assiste. Protagonistas e coadjuvantes, em êxtase e entusiasmo, gritam, em coro, por cada tabela, por cada escanteio, por cada drible que pode transformar um jogador em herói, nem que seja por um dia, como é o caso de Hélio Cruz, jogador do São Cristóvão, que em 27 de julho de 1958, vive seus noventa minutos de glória ao cravar dois gols no Botafogo, cujo time, pela excelência da equipe, dispensa quaisquer comentários.¹

No pôr-do-sol da partida, depois que a bola rola, o cronista assume seu papel e registra suas impressões sobre a que acaba de presenciar. Seu discurso relata muito além dos fatos ocorridos no gramado, posto que seu objeto de observação não é só a bola ou quem a toca, e também as emoções que emanam de todas as personagens da ópera futebolística, cujas árias são tão conhecidas pelos brasileiros. O pior cego é o que só vê a bola (RODRIGUES, 1993, 104-5): há o ser humano por trás da bola, o cantor da ópera e toda a multidão que fazem parte do evento. "A bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror e a compaixão". A tessitura do texto rodrigueano sobre futebol — e de outros de sua linhagem, como Mário Filho e José Lins do Rego — evidencia a preocupação com a linguagem como interação social. Dialógica por natureza, a palavra que constrói, no discurso, o objeto por ela esculpido, caracteriza-se pela pluralidade. O estádio de futebol é um espaço poroso por onde ecoam discursos dissonantes que vêm e analisam o espetáculo sob ângulos diversos. A linguagem do cronista, atravessada por caminhos subjetivos e sociais, é a um só tempo, formal, permeada com muitas citações do seu arquivo cultural; e informal, colhida do vocabulário popular. A sensibilidade de torcedor e o cruzamento, em seu texto, dessas vozes advindas da academia e das esquinas da vida fazem-no enxergar o que não vê, mas o que imagina. Em 1956, o jogo entre Brasil e Argentina, em Montevideu, motiva o escritor de *O beijo no asfalto* (1960) a homenagear o riso espontâneo de Mário Américo, massagista da Seleção, provocado pelo corte que Luizinho dera no adversário: "— nunca o seu riso foi tão largo, nunca o

¹ Todos os exemplos foram extraídos de: RODRIGUES, Nélson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 197p.

seu riso teve, como naquele momento, uma dilatação de parto”. (RODRIGUES, 1993, p. 24).

O futebol, para o autor de *Vestido de Noiva* (1943), é um pretexto — um adorável e estimado pretexto — para palmilhar do universal para o nacional: das paixões que movem o ser humano até a alma do brasileiro. Nélson não se contenta em documentar um jogo, assunta os casos particulares, os sentimentos dos jogadores, da comissão técnica, do juiz, dos bandeirinhas e de outros envolvidos. Contesta o zelo, de acordo com os interesses do cartola, com a integridade física dos jogadores em detrimento da saúde interior, do delicadíssimo equilíbrio emocional dos jogadores. Em relação ao trauma nacional da Copa de 1950, no Maracanã, Rodrigues, (1993, p. 26) em relação ao jogo Brasil X Uruguai, entende que "um Freud seria muito mais eficaz na boca do túnel do que um Flávio Costa, um Zezé Moreira, um Martim Francisco”.

A crônica, como gênero híbrido, quase vida, quase ficção, permite ao criador da personagem Sobrenatural de Almeida narrar a partida, os lances, notórios ou não, e preencher os silêncios do coração e da mente — tantas vezes imperceptível — com viés subjetivo, que nele é avassalador e grandiloquente. O cronista tricolor posiciona-se contra videoteipe, essa “espécie de lambe-lambe do Passeio Público que retira das pessoas toda a sua grandeza humana e esvazia os fatos de todo o seu patético”. O tira-teima, hoje tão comum, para Nélson abstrai do futebol a espontaneidade, o improvisado, a falha humana; enfim, priva o torcedor tanto dos xingamentos direcionados aos jogadores e, principalmente, ao trio de arbitragem, como das discussões do dia seguinte entabuladas nas Rádios, no trabalho, nas escolas, nos botecos. Irreverente na crônica, como o é no drama, Nélson apresenta, de forma natural, o lado sórdido, mesquinho do esporte mais amado do brasileiro e choca o leitor e o torcedor desavisados que participam do embate no estádio, mas não querem aceitar o lado, tantas vezes agressivo e pornográfico do futebol. "Durante os noventa minutos, tanto os craques em campo como o torcedor nas arquibancadas rugem os palavrões mais resplandcentes do idioma. Dir-se-ia que tanto o público como o craque têm, no berro pornográfico, um estímulo vital, precioso e irresistível". (RODRIGUES, 1993, p.74).

Nelson instiga polêmicas sobre tudo que diz. E o que diz espelha o que ele é, como homem e como intelectual. Suas crônicas decifram o que se passa numa cancha, com a mobilidade de quem preenche lacunas com imaginação e poesia. A agudeza de percepção e a sobrenatural capacidade de previsão suprem a lendária miopia aguda. Em *A realeza de Pelé*, Rodrigues (1993, p. 42) registra a atuação de Pelé e prevê seu longo reinado. "Um rei, não sei do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda corte em derredor”.

Do brasileiro cabisbaixo, imbuído de sentimento de inferioridade, de "complexo de vira-lata" ao brasileiro cheio de si, orgulhoso de sua pátria de craques, principalmente após a conquista do tricampeonato, em 1970, no México, a Seleção Brasileira reflete o homem brasileiro e sua psique. Há poucos brasileiros que não assistem aos jogos da Seleção. O futebol é parte integrante de nossa cultura. O sucesso ou a derrota do time promove a comoção nacional, a pátria em chuteiras harmoniza seus batimentos em compasso com as jogadas de nossos craques e a vitória de nosso escrete, “foi a vitória do homem brasileiro, ele sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões”. (RODRIGUES, 1993, p. 94).

Qualquer estudo de crônica esportiva hoje, de algum modo, é tributário de Nélson Rodrigues e de seu irmão Mário Filho; quer tomando-os como ponto de

partida, assumindo seu veio humano, literário e psicanalítico; quer rejeitando seus postulados e adotando um estilo de crônica menos literária e mais jornalística. Nelson e seu irmão concedem excelência à crônica esportiva e alargam o espaço físico a ela destinada nos jornais. Surge uma nova sintaxe para o gramado e, conseqüentemente, para narrativa esportiva. Uma sintaxe, cuja ordem é transgredida em prol do que não é observado em campo, pois “de nada adiantará o futebol se o homem não presta. O belo, o comovente, o sensacional, no triunfo de ontem, foi antes de tudo o triunfo do homem.” (RODRIGUES, 1993, p.59). Esse novo olhar abstrai do coletivo, sem prejuízo deste, o momento mágico de cada chute a gol.

O autor de *A vida como ela é*² sabe que o futebol é esporte coletivo em que a organização e a sintonia dos jogadores promove o espetáculo; no entanto, reconhece que o lado lírico do futebol, o verso perfeito é momento singular, individual de um jogador que assume a posse da bola e, com ela, faz malabarismos que arrancam gritos feéricos da multidão, a um só tempo, ensandecida e embevecida.

Garrincha resolveu caprichar no baile, foi um carnaval sublime. A coisa virou show de Grande Otelo. E, então, começou a se ouvir, aqui no Brasil, na Praça da Bandeira, a gargalhada cósmica, tremenda, do público sueco. Cada vez que Garrincha passava por um, o público vinha abaixo. (RODRIGUES, 1993, p.54).

Nelson, com instinto sobrenatural, reconhece que determinadas chuteiras e quem as usa são imortais. Alguns jogadores ultrapassam a “condição humana”, ganham aderência mítica, como os heróis das epopéias, e tornam seus feitos obra de arte do futebol mundial. Toda semana, durante anos, as crônicas de Nelson são publicadas sob a rubrica *Meu personagem da semana*. Essa coluna faz escola e continua, de certa forma, no ar com a eleição do craque e do baranga do jogo, realizada após cada partida pelos comentaristas da Rádio Globo. O personagem escolhido semanalmente pelo autor de *O óbvio ululante* (1968) não precisa ser o melhor jogador em campo ou o autor do gol, pode ser alguém colhido pelo cronista num ato que o conduz à instância de herói: alguém que representa a dimensão épica e humana de um jogo de futebol.

Chegou, enfim, o momento de fazer de Carlito Rocha o meu personagem da semana, quer queiram, quer não, ele está atrelado ao fabuloso triunfo alvinegro sobre o Fluminense. E aqui pergunto: — qual teria sido a contribuição carlitiana para o título? Eu próprio respondo: — Carlito ligou o jogo ao sobrenatural, pôs Deus ao lado do Botafogo e mais que isso: — pôs Deus contra o Fluminense. (RODRIGUES, 1993, p.36).

O texto de Nelson é hiperbólico e passional, cunha epítetos que estão, até hoje, associados a traços futebolístico ou individuais de alguns jogadores e que reforçam seu estilo épico: Possesso (Amarildo), Rei do futebol (Pelé), anão de Velásquez (Tostão), João sem medo (João Saldanha), Rei Zulu (Denílson) e tantos outros. Cria também personagens como a "grã-fina de narinas de cadáver" que em pleno Maracanã, insistia em perguntar ao companheiro "quem era a bola"; o ceguinho tricolor, seu alter-ego e o famoso Sobrenatural de Almeida, responsável pelo inexplicável do futebol, que viajou

² Livro organizado por Ruy Castro, *A vida como ela é...* é uma compilação dos melhores contos que Nelson Rodrigues escreveu para sua coluna homônima no jornal *Última Hora*, de 1951 a 1961. A idéia sugerida pelo dono do jornal, Samuel Weiner, era que Nelson criasse uma história fictícia baseada em algum fato real veiculado no jornal do dia. Nelson seguiu as ordens do chefe somente nos dois primeiros dias. A partir daí, passou a inventar completamente as histórias da coluna. RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é..., o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

para a Copa a convite do Além e resolveu reaparecer na revista que, não em vão, invocou seu santo nome. A criatura assume o criador e "escreve" a primeira crônica em Revista Época, p. 99, 12 de jun. 2006. "Chega de anonimato. Tirei meu velho sobretudo preto do armário. Com ele, enfrentarei o calor de derreter catedrais do verão europeu, no Mundial da Alemanha".

O escritor de *A sombra das chuteiras imortais* borda suas crônicas com nomes e apropriações advindas de outros contextos: o da política e, principalmente o da arte. Deles Nelson extrai matéria-prima para suas analogias geniais, tais como João Saldanha é Tartarin; o Brasil é uma nação de napoleões; Garrincha pode fazer dupla com Charles Chaplin; Pelé pode ser Mao Tse-Tung; Amarildo pula das páginas de Dostoiévski para o campo e a vitória do Brasil sobre a Espanha reporta a um quadro de Goya.

Seu discurso prorroga a partida, vai ao encontro do que a maioria das pessoas quer ler depois que a bola pára de rolar, e as luzes do Maracanã apagam-se. Sabe que futebol é arte, e que passa a sê-lo depois que os bretões lançam a bola nos pés mágicos dos brasileiros para quem a bola é o objeto capaz de desfazer diferenças de quaisquer espécies; de espalhar pólen de esperança nos meninos desamparados deste país; de unir inimigos; de motivar abraços e beijos entre homens no gramado e fora dele. As palavras e as bolas aproximam-se de quem as sabe tocar; afinal, futebol e poesia jogam no mesmo time, que confirme Néelson Rodrigues.

A arte, semeada pelo guru do time de Álvaro Chaves em seu discurso — tecido de paixão de torcedor, com a desenvoltura do craque das palavras que marca gol de letra a cada parágrafo —, também tem sido abalada pela violência, o que afugenta muitos torcedores dos estádios no Brasil e no mundo. Notícias, a todo momento, mostram brigas envolvendo torcidas organizadas dentro e fora dos estádios; no gramado, jogadores e técnicos, muitas vezes, não passam um bom exemplo. O clima bélico entrou em campo, mas tem de ser expulso. Todos — jogadores, técnicos, dirigentes de clubes, políticos, torcedores — devem imbuir-se do espírito de conagraçamento, de amizade entre os povos, como nas Olimpíadas, em que os gregos buscavam através dos jogos olímpicos a paz e a harmonia na civilização grega.

O futebol arte, que tanto alumbra a maioria dos brasileiros, há de lançar o primeiro chute a gol em direção à paz.

Maria Célia Barbosa Reis da Silva

Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC/RJ,
Mestre em Vernáculos pela UFRJ,
Professora de Português e de Literatura da Universidade da Força Aérea.
Pesquisadora visitante do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira
da Fundação Casa de Rui Barbosa.